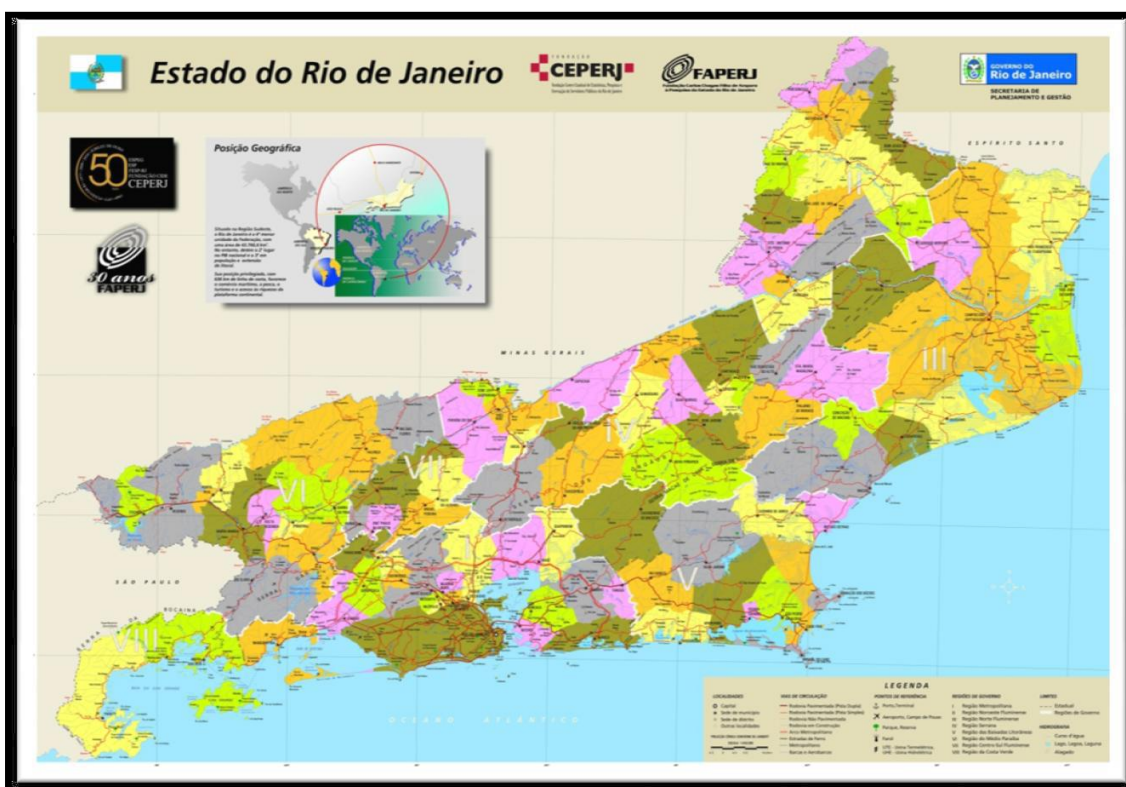


IDENTIFICANDO CARTOGRAFICAMENTE O ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Localizado na região sudeste o estado Rio de Janeiro possui área de 43.766,6 km² e é o vigésimo quarto estado brasileiro em extensão territorial, o que o configura como um dos menores estados do Brasil.

Ele faz parte da Região Sudeste, a mais desenvolvida do país. Possui limites territoriais com todos os estados que a compõem. Ao norte, limita-se com Minas Gerais; ao sul e a leste, com o Oceano Atlântico; a oeste, com São Paulo e, a nordeste, com o Espírito Santo.

Como mostra o mapa abaixo, nosso estado possui 92 municípios, dentre eles, o município do Rio De Janeiro, onde fica a capital do estado, também chamada de Rio De Janeiro. Observando atentamente o mapa, podemos localizar o município do Rio De Janeiro, localizado a esquerda da baía da Guanabara. A cidade do Rio de Janeiro foi capital do Brasil por 197 anos, de 1763 a 1960.



A HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO

A cidade do Rio De Janeiro é mencionada oficialmente pela primeira vez quando a segunda expedição exploratória portuguesa, comandada por Gaspar Lemos, chegou em janeiro de 1502, à baía de Guanabara¹, que o navegador supôs, compreensivelmente, ser a foz de um rio, por conseguinte, dando o nome à região do Rio De Janeiro.

¹ A palavra GUANABARA tem sua origem no tupi guarani e significa "rio-mar".

A partir de 1504, navios franceses passaram a explorar o litoral brasileiro, em busca de pau-brasil.

Em 1530, para colonizar as terras brasileiras, o rei Dom João III organiza uma expedição e entrega o comando a Martim Afonso de Sousa. Em abril de 1531 Martim Afonso de Sousa desembarca no Rio de Janeiro, comandando uma frota de cinco navios. Permanece 3 meses e instala uma oficina e um estaleiro, para reparo nas embarcações.

1548 - Com o permanente assédio dos franceses sobre os índios para comercializar o pau-brasil, resolve o Rei de Portugal criar um governo geral destinado a auxiliar os donatários especialmente na luta contra os índios, que não paravam de atacar vilas e engenhos, destruindo as plantações dos colonos. É nomeado o fidalgo português Thomé de Sousa, primeiro governador do Brasil.

1552 - Nessa época, o litoral fluminense encontra-se praticamente despovoado, Thomé de Sousa comunica ao Rei que na baía de Guanabara nada havia e ali se devia mandar fazer “uma povoação honrada e boa “, pois era ponto preferido pelos franceses.

1555 - Durante o governo de D. Duarte da Costa, sucessor de Thomé de Sousa, instalou-se em ilhotas, na entrada da baía de Guanabara, uma expedição francesa de 100 homens, comandada pelo Vice-Almirante Villegagnon. É construído o forte de Coligny na ilha, onde se situa hoje a *Escola Naval*. Funda-se aí a França Antártica, que dois anos depois recebe o reforço de 300 colonos.

1560 - O 3º governador geral, Mem de Sá, recebe ordens para expulsar os franceses. Reúne todas as forças de que dispõe, tanto na Bahia quanto em Capitânicas vizinhas e, após vários combates, derrota os franceses, inutilizando suas fortificações. Alguns franceses escaparam para as matas com o auxílio dos Tamoios, voltando a frequentar a baía quando o governador retorna para Salvador.

1565 - Chega de Portugal o capitão mor Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, à frente de nova expedição com a incumbência de fundar uma cidade mantendo a posse da terra pelos portugueses. A 1ª de março, ocorre a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, na várzea existente entre os morros do Pão de Açúcar e morro Cara de Cão. Foi a segunda cidade fundada no Brasil, depois de Salvador. O nome São Sebastião foi uma homenagem ao rei de Portugal. O objetivo da fundação foi dar início à expulsão dos franceses que já estavam na área há 10 anos, instalados num forte (Coligny) na ilha de Villegagnon.

1567 - Após prolongada luta com os Tamoios e seus aliados franceses, a nova cidade foi transferida para o Morro do Castelo. Na ocasião, delimitou-se uma área quadrada de seis léguas de lado, fundando aí a Capitania Real do Rio de Janeiro sob o comando de Salvador Correa de Sá.

Estácio De Sá morreu em 20 de fevereiro de 1567, um mês depois de expulsar os franceses, em consequência de uma infecção no rosto causada por uma flecha envenenada, que o feriu durante os combates.

ORIGEM DO NOME PÃO DE AÇÚCAR

Há várias versões históricas a respeito da origem do nome Pão de Açúcar. Segundo o historiador Vieira Fazenda, foram os portugueses que deram esse nome, pois durante o apogeu do cultivo da cana-de-açúcar no Brasil (século XVI e XVII), após a cana ser espremida e o caldo fervido e apurado, os blocos de açúcar eram colocados em uma forma de barro cônica para transportá-lo para a Europa, que era denominada pão de açúcar. A semelhança do penhasco carioca com aquela forma de barro teria originado o nome.

A outra versão vem do nome “Pau-nh-açuquã” da língua Tupi, dado pelos Tamoios, os primitivos habitantes da Baía de Guanabara, significando “morro alto, isolado e pontudo”.

A MUDANÇA PARA O MORRO DO CASTELO

Fisicamente, o Morro do Castelo não existe mais, assim como o Morro do Senado, Morro de Santo Antônio e alguns outros, desapareceram dos mapas e da topografia da Cidade do Rio de Janeiro, dando espaço a esplanadas e tendo sido transformados em aterros. No entanto é impossível contar a história do Rio de Janeiro sem cita-lo. Foi praticamente por lá que tudo começou e o término do local está ligado a diversos pontos marcantes da memória da cidade.

Após a morte de Estácio de Sá, Mem de Sá, terceiro governador-geral do Brasil e tio do fundador da cidade, transferiu a cidade da área da Urca, no morro Cara de Cão, para morro de São Januário, mais tarde conhecido como morro do Castelo, depois Praça Quinze, até hoje centro vital do Rio.

Inicialmente o morro foi chamado de Morro do Descanso, referenciando o merecido local de descanso após a vitória definitiva e reconquista da terra. Pouco depois passou a ser chamado de São Januário, mas o nome Castelo deriva da construção da primeira fortaleza murada da cidade no topo do morro, nome este que perdurou ao longo de quatro séculos, e uma vez que o morro não mais existe, o nome Castelo continua a existir, denominando a "Esplanada do Castelo", no local onde um dia existiu o morro que testemunhou os primeiros passos da cidade.

A escolha se deu, pois, o morro ficava em frente à ilha de Villegagnon – onde os franceses se encontravam. Assim era possível estruturar uma defensiva mais firme em caso de novas tentativas de invasão, até porque, do local se via a Baía da Guanabara, porta de entrada da cidade.

O Rio de Janeiro, murado e fortificado, erguido no Morro do Castelo contava com prédios como a Casa da Câmara e a da Cadeia, a Casa do Governador, Colégio dos Jesuítas, os Armazéns, e também as Igreja dos Jesuítas e a Igreja de São Sebastião, onde foi instalada a primeira Sé ou Catedral da cidade, e junto à qual estava o marco de pedra da fundação da cidade, trazido do primitivo estabelecimento no sopé do Morro Cara de Cão, assim como os restos mortais do fundador do Rio, Estácio de Sá.

A FUNÇÃO PORTUÁRIA

Ocupando posição estratégica no litoral sul da colônia, na baía de Guanabara, a povoação cresce como região portuária e comercial.

No século XVIII, com o desenvolvimento da mineração, o porto do Rio De Janeiro torna-se o principal centro exportador e importador para as vilas de Minas Gerais, por onde saem ouro e diamantes e entram escravos e manufaturados, entre outros produtos.

A NOVA CAPITAL DA COLÔNIA BRASILEIRA

Em 1763, o que hoje conhecemos como a cidade do Rio de Janeiro, é transformada em Sede do Governo Geral da colônia (a capital do Brasil). As demais áreas pertencem a Província do Rio de Janeiro (antigo estado do Rio de Janeiro).

Em 1808, com a chegada da família real, o rio torna-se a sede do governo português.

Como não havia lugares para alojar todos os novos moradores, muitos habitantes dessa cidade foram retirados de suas casas para dar lugar aos nobres portugueses.

A Família Imperial se estabeleceu no Paço Imperial. Construído no século XVIII para residência dos governadores da Capitania do Rio de Janeiro. Ali aconteceram fatos e cerimônias importantes para o país, como as coroações de D. Pedro I e D. Pedro II, bem como a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel em 1888.

No período em que D. João VI permaneceu no Brasil, muitas mudanças ocorreram. As principais foram:

- Em 1808 D. João VI promoveu a abertura dos portos brasileiros para as “nações amigas” e revogou o decreto que proibia a instalação de manufaturas no país;
- Também em 1808 criou o Banco do Brasil e o Jardim Botânico;
- Criou em 1810 a Biblioteca Real, atual Biblioteca Nacional;
- A Escola Real de Artes, em 1816;
- Em 1818 o Museu Nacional (que esse ano completou 200 anos);
- Criação de cursos como agricultura, cirurgia, química e desenho técnico.
- Essas medidas abriram caminho para um acontecimento muito importante: a transformação social que resultou na independência do Brasil.

O MUNICÍPIO NEUTRO

Em 1834, a cidade do Rio de Janeiro foi transformada em Município Neutro, desmembrado da Província do Rio de Janeiro, que passou a ter a sede do governo em Niterói.

O DISTRITO FEDERAL

No dia 24 de fevereiro de 1891, mediante a promulgação da primeira constituição republicana do Brasil, o então município neutro passou à categoria de Distrito Federal e a província homônima foi transformada em estado do Rio de Janeiro.

A REFORMA PEREIRA PASSOS

Nem sempre a “Cidade Maravilhosa” foi o destino turístico e comercial mundialmente reconhecido por sua beleza. Antes das reformas promovidas por Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, o Rio de Janeiro era conhecido como “Porto Sujo” ou “Cidade da Morte”, um lugar evitado pelos viajantes. A falta de planejamento urbano e de infraestrutura sanitária fez com que o Rio se tornasse foco de uma variedade de doenças como a febre amarela, varíola, sarampo, disenteria, difteria, tuberculose e até mesmo a peste bubônica. Duas doenças, em especial, tiravam o sono das autoridades e a vida da população: *a febre amarela e a varíola*.

Por conta desse cenário, os governos federal e municipal, deflagraram cada qual, seu processo de reforma do Rio de Janeiro. A iniciativa municipal, coordenada pelo então prefeito Pereira Passos, ficou vulgarmente conhecida como “bota abaixo”.

Com o objetivo de sanear o Rio de Janeiro, controlar a propagação de doenças e modernizar o tráfego e a comunicação entre as regiões da cidade, *a Reforma Pereira Passos*, como ficou conhecido o processo de modernização da cidade, consistiu na demolição de casas - particularmente *os cortiços* que se multiplicavam com a imigração.

O CORTIÇO

Em meados do século 19, um tipo de moradia começava a se alastrar pelo Rio: os cortiços. Erguidas principalmente por imigrantes portugueses, as construções precárias eram formadas por dezenas de quartos pequenos, sem cozinha, com banheiros e tanques coletivos.

Antes mesmo da administração Pereira Passos, o primeiro grande cortiço a ser demolido foi o *Cabeça de Porco*, em 1893, que acabou por virar sinônimo desse tipo de moradia e inspirou o escritor Aluísio de Azevedo em “O Cortiço” - no livro, de 1890, havia o “Cabeça de Gato”.

O Cabeça de Porco era um famoso e vasto cortiço no centro do Rio de Janeiro, perto de onde está, hoje, o túnel João Ricardo.

Na sua entrada, existia um grande portal em arcada encimado por uma cabeça de porco. Arcos, com cabeças de animais em gesso, eram comuns à época, em quintas e chácaras.

DEMOLIÇÃO DE CORTIÇOS DEU ORIGEM ÀS FAVELAS

Sem ter para onde ir, os inquilinos foram autorizados a retirar a madeira dos cômodos para construir outra moradia. Uma das proprietárias do Cabeça de Porco era dona de lotes no *Morro da Favella*, hoje Morro da Providência. Ela negociou os terrenos com os antigos moradores.

A ocupação se expandiu em 1897, com o retorno dos combatentes da Guerra de Canudos, que ali se instalaram.

Tida até hoje por muitos como uma iniciativa de modernização excludente, a Reforma Pereira Passos também costuma ser apontada como responsável pelo surgimento das primeiras favelas no Rio de Janeiro – uma vez que a população trabalhadora mais pobre, expulsa de suas casas no centro, foi obrigada a ir morar nos morros para permanecer relativamente próxima do trabalho. Daí surge o termo “favela” para designar o local de moradia da população mais pobre nos morros cariocas.

A ORIGEM DO NOME “FAVELA”

A origem do termo surgiu após a Guerra de Canudos, onde ficava o Morro da Favela original, graças a uma planta conhecida como faveleira, farta no local. Alguns dos soldados, ao regressarem vitoriosos ao Rio em 1897 e não receberem o prometido soldo invadiram uma antiga chácara, com o apoio de um oficial, no Morro da Providência, que ganhou então o "apelido" referente a Canudos.

A DEMOLIÇÃO DO MORRO DO CASTELO

Embora tenha sido fundamental para o surgimento do Rio de Janeiro, os planos de derrubar o Morro do Castelo eram antigos. No reinado de Dom João VI, quando a cidade já estava estabelecida “no chão”, se falava nos problemas que o Morro poderia causar ao restante do município. Entre os citados estavam a dificuldade da circulação de ventos e o impedimento do livre escoamento das águas.

Em 1838, os engenheiros militares Conrado Niemeyer e Pedro Bellegarde escreveram em um projeto que pregava o desmonte do Morro: “Edifícios nobres deverão um dia substituir aquele morro; e o navegante que demandar o importante porto capital do Brasil receberá na sua entrada a agradável impressão da vista de toda a cidade, até hoje encoberta a seus olhos pela massa informe do mesmo morro”.

Após pequenas derrubadas para a realização de aterros em algumas partes da cidade, o Morro do Castelo foi completamente devastado em 1921, pelo prefeito Carlos Sampaio.

O prefeito, que foi duramente criticado por alguns intelectuais da época, argumentava que o espaço, repleto de velhos casarões e cortiços, local de moradia de uma população pobre e de ex-escravos, era ruim para a saúde pública da população. Além do mais, várias obras estavam sendo realizadas no centro da cidade para a montagem da Exposição Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil e a saída do morro se fazia necessária nos planos da gestão de Sampaio.

HISTÓRIA DO ESTADO DA GUANABARA

Como centro político do país, o Rio de Janeiro (capital do Brasil) concentra a vida político-partidária do império e os movimentos abolicionistas e republicanos.

Durante a república velha, com a decadência de suas áreas cafeeiras, o estado perde a força política para São Paulo e Minas Gerais.

O processo de enfraquecimento político econômico do Rio continua após a revolução de 1930.

A economia fluminense não se beneficia da industrialização, apesar de o estado ser escolhido para sediar a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, ponto de partida para a implantação da indústria de base no país.

A cidade do Rio De Janeiro mantém-se como importante zona comercial, industrial e financeira, mas com a mudança da capital federal para Brasília, em 1960, o declínio da antiga capital é inevitável.

A MUDANÇA DA CAPITAL FEDERAL PARA BRASÍLIA EM 1960

Na manhã do dia 21 de abril de 1960, ao fechar os portões do Palácio do Catete e rumar para a Brasília, o presidente Juscelino Kubitschek encerrava um longo ciclo de influência da cidade do Rio na vida econômica, política e administrativa do país. Esse ciclo começou em 1763 e termina justamente com a transferência da capital para o Centro-Oeste. Mais do que poder, o Rio, ao deixar de ser a capital federal, perdeu dinheiro. A Cidade Maravilhosa até ganhou autonomia política, mas mergulhou num processo de esvaziamento econômico que somente nos últimos anos, com a perspectiva de sediar grandes eventos, em especial a Copa do Mundo e as Olimpíadas, começou a ser estancado por um breve período, para em seguida se transformar na maior crise de sua história.

A inauguração de Brasília, comandada por JK, mudou radicalmente a vida dos cariocas: milhares de funcionários públicos, autarquias e empresas foram transferidas para o novo centro do poder. Começava assim, um processo de esvaziamento político e cultural que duraria décadas.

A transferência da capital do Brasil do litoral para o interior era ideia antiga, que remontava à Inconfidência Mineira e ganhara força na época da Independência. Mas foi apenas em 21 de abril de 1960, com a inauguração de Brasília, que este sonho se concretizou.

A mudança para Brasília — delineada em 19 de setembro de 1956, quando Juscelino sancionou a lei que fixava os limites do futuro Distrito Federal e autorizou o governo a instituir a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) — não foi de uma hora para outra, mas gradualmente autarquias e funcionários públicos tiveram que se transferir. Um bom exemplo é o Banco Central. Criado em 1964, pelo regime militar, ficou por alguns anos no Rio, até que a direção e a maioria dos departamentos também foram levados para a nova capital. O mesmo aconteceu com dezenas de empresas, que optaram por estar perto do centro do poder. No caso dos bancos, o destino foi diferente: São Paulo, que já se consolidara como a maior metrópole do país.

Ao deixar de ser capital, o Rio virou uma cidade-estado: Guanabara. Mas a sonhada autonomia política naufragou na ditadura militar. As verbas federais minguaram e o dinheiro do setor de serviços - oriundo, principalmente, da classe média formada pelos funcionários públicos - também ficou escasso. Em 1974, o então presidente Ernesto Geisel sanciona a lei da fusão, unindo

a ainda rica Guanabara ao Estado do Rio, que sobrevivia a duras penas, com uma economia basicamente ancorada na agricultura.

A FUSÃO DOS ESTADOS DO RIO DE JANEIRO E DA GUANABARA

A fusão do estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro transformou-se em realidade durante a ditadura militar (1964-1985). Foi decretada na época do governo Ernesto Geisel, em 12 de julho de 1974, sancionada pela Lei Complementar nº 20 e implantada a partir de 1º de março de 1975.

A partir daí a Guanabara tornava-se um município do atual estado, sendo que a cidade do Rio de Janeiro passava a exercer a função de capital dessa nova unidade federada. Niterói, por sua vez, ao perder o status de capital de estado e sendo convertida em sede de um município, vivenciou um processo de esvaziamento, conforme registrou o Diário do Congresso Nacional.

Com a fusão, a cidade do Rio de Janeiro perdeu arrecadação estadual e teve sua economia fortemente afetada pela fraca economia do antigo estado do Rio de Janeiro.

COMPREENDENDO AS CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS, FÍSICAS E SOCIOECONÔMICAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

Dando continuidade aos nossos estudos, agora vamos conhecer as características naturais do nosso estado. São tantas as belezas naturais, e todas elas ligadas a uma combinação de fatores como relevo, clima e vegetação.

RELEVO

O relevo fluminense apresenta três unidades bem distintas: **planaltos, baixadas e os maciços costeiros**, que podem ser visualizados na figura abaixo.

PERFIL GEOLÓGICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



1- PLANALTO OU SERRA FLUMINENSE

Nas áreas de planalto, encontramos as maiores altitudes. É onde está localizada parte da Serra do Mar.

Com uma extensão de cerca de 1.000 km, a Serra Do Mar passa pelo litoral de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, recebendo um nome variado em cada local:

- Serra da Prata, Marumbi, Ibitiraquire ou Graciosa no Paraná;
- Serra do Itajaí ou Serra do Tabuleiro em Santa Catarina.
- Em Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo a Serra Do Mar é chamada de Serra dos Órgãos;
- Em Parati é Conhecida como Serra da Bocaina.

É nesse planalto que encontramos o ponto culminante do nosso estado:

- O Pico das Agulhas Negras (2.791m, no Município de Itatiaia);
- O Pico maior, com 2.366 metros, no Parque Estadual dos Três Picos em Nova Friburgo é a montanha mais alta da Serra do Mar.
- Obs.: A Pedra do Sino, tem 2.255 metros de altitude.

OS 5 PICOS MAIS ALTOS DO BRASIL

1º – Pico da Neblina – Com 2.995,30 metros o Pico da Neblina é o ponto mais alto do Brasil, apresentando. Está localizado na Serra do Imeri, no Planalto das Guianas, no Estado do Amazonas, na fronteira entre Brasil e Venezuela.

2º – Pico 31 de Março – Com 2.974,18 metros de altitude. Também está localizado na Serra do Imeri, entre Amazonas e Venezuela.

3º – Pico da Bandeira – Com 2.891,32 metros é o maior pico de toda região Sudeste do Brasil e possui a terceira maior altitude de todo território brasileiro. Está localizado na Serra do Caparaó entre Minas Gerais e Espírito Santo, mais especificamente no Parque Nacional do Caparaó.

4º – Pedra da Mina – Localizado na Serra da Mantiqueira, entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, a Pedra da Mina é o quarto ponto mais alto do Brasil com 2.798,06 metros de altitude e o maior de São Paulo.

5º – Pico das Agulhas Negras – É o quinto ponto mais elevado do Brasil, com 2791,50 metros, mas também é o maior do Estado do Rio de Janeiro.

Localiza-se no Parque Nacional de Itatiaia, na Serra de Itatiaia entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, mais especificamente entre os municípios de Itatiaia e Resende, no estado do Rio de Janeiro e o município de Bocaina de Minas, em Minas Gerais, na parte alta do Parque Nacional de Itatiaia.

Devido à beleza dessas regiões, esses picos tornaram-se pontos de atração turística no estado.

2- BAIXADA FLUMINENSE

As terras baixas, também chamadas de Baixada Fluminense (abaixo de 200 metros de altitude) é parte importante do nosso relevo. Situa-se entre o planalto e o oceano, margeando as colinas e os maciços costeiros. De acordo com a tradição, fazem parte da Baixada Fluminense os municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e São João de Meriti.

3- OS MACIÇOS LITORÂNEOS

Os maciços litorâneos ou costeiros são as elevações que surgem nas áreas das baixadas, desde Cabo Frio até o Município do Rio de Janeiro, como, por exemplo, o Corcovado.

Na cidade do Rio de Janeiro se encontram três desses maciços:

- **O Maciço da Tijuca** - é formado por um conjunto de serras e morros e onde está instalado em boa parte de sua área territorial, o Parque Nacional da Tijuca, e onde estão localizados vários pontos turísticos da cidade, como o Corcovado (onde está o Cristo Redentor), a Pedra da Gávea, etc.;
- **O Maciço da Pedra Branca** - onde estão localizados o ponto culminante da cidade do Rio de Janeiro, o Pico da Pedra Branca e a 2ª maior floresta urbana do planeta;
- **O Maciço de Gericinó** - dos três maciços, este é o único que não está completamente nos limites da cidade, visto que a maior parte dele se encontra nos municípios de Mesquita e de Nova Iguaçu.

De acordo com Santana e Duarte (2013), os principais problemas ambientais que afetam o relevo fluminense são: o deslizamento de terras e desmatamento das encostas, a erosão, o assoreamento dos rios e lagoas e o empobrecimento dos solos.

HIDROGRAFIA

O principal rio do nosso estado é o rio Paraíba do Sul, que funciona como divisor natural entre os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nasce na Serra Da Bocaina, no estado de São Paulo e percorre todo o estado do Rio de Janeiro, delimitando a divisa deste com o estado de Minas Gerais ao longo da região serrana, fazendo um percurso total de 1150 km, até a foz em Atafona, no município de São João da Barra, no norte fluminense. Outros rios importantes do estado são os rios Macaé, Muriaé, Piraí e Grande.



IMPORTÂNCIA DO RIO PARAÍBA DO SUL

Sua importância estratégica para a população fluminense pode ser avaliada pelo fato de que o rio Paraíba do Sul é a única fonte de abastecimento de água para mais de 12 milhões de pessoas, incluindo 85% dos habitantes da região metropolitana, localizada fora da bacia, seja por meio de captação direta para as localidades ribeirinhas, seja por meio do rio Guandu, que recebe o desvio das águas do rio Paraíba para aproveitamento hidrelétrico (PCH – Pequena Central Hidrelétrica).

Suas águas são fonte de energia para várias hidroelétricas que movem os setores industriais, agrícola e pesqueiro do estado.

CLIMA

O estado do Rio de Janeiro possui um clima bem diverso, que está diretamente relacionado com o nosso relevo, proximidade do mar, altitude, enfim, são muitas as variáveis que interferem no tipo de clima do Rio de Janeiro. Mas podemos afirmar que predominam os seguintes tipos de clima: quente com áreas úmidas, semiúmidas e secas. Nos locais de áreas úmidas, quase todos os meses do ano são chuvosos; nas áreas semiúmidas, de quatro a seis meses são secos; e nas áreas de clima seco, são mais de sete meses de pouca chuva. Isso mesmo: há áreas secas no estado do Rio de Janeiro!

Como citado anteriormente, tanto o relevo quanto a proximidade do mar, interferem na temperatura e na distribuição das chuvas pelos meses do ano. Exemplo: quanto mais alto, mais baixa é a temperatura; quanto mais perto do mar, mais amena. Assim, percebemos a presença de vários tipos de clima, destacando-se o tropical e o tropical de altitude.

O clima tropical ocorre nas áreas de baixada, predominando a tipologia semiúmida. Apresenta temperatura média anual em torno de 24º C, com invernos secos e verões chuvosos. Já o clima tropical de altitude ocorre nas áreas de planalto e serras (Serra do Mar, parte do Vale do Paraíba do Sul e Planalto de Itatiaia) e se caracteriza por temperaturas mais amenas, devido à altitude do relevo.

O clima tropical de altitude ocorre nas áreas de planalto e serras (serra do mar, parte do vale do Paraíba do Sul e planalto de Itatiaia) e se caracteriza por temperaturas mais amenas, devido à altitude do relevo.

Ocasionalmente, podem ocorrer precipitações de neve nas partes altas do parque nacional do Itatiaia, onde está situado o pico das Agulhas Negras. Em 1985, foi registrada uma abundante nevada nas proximidades deste pico, com acumulações de um metro em certos pontos.

“GELADEIRA TROPICAL”

Os campos de altitude do Parque Nacional do Itatiaia estão entre as áreas mais frias do Brasil. A região do Parque Nacional de Itatiaia tem amplitude térmica (diferença entre a máxima e a mínima temperatura) semelhante à de desertos, tamanha a diferença do dia para a noite. A altitude é essencial para o frio. Em média, a temperatura cai um grau Celsius a cada 100 metros de elevação. Isso porque a altitude reduz a pressão e a umidade.

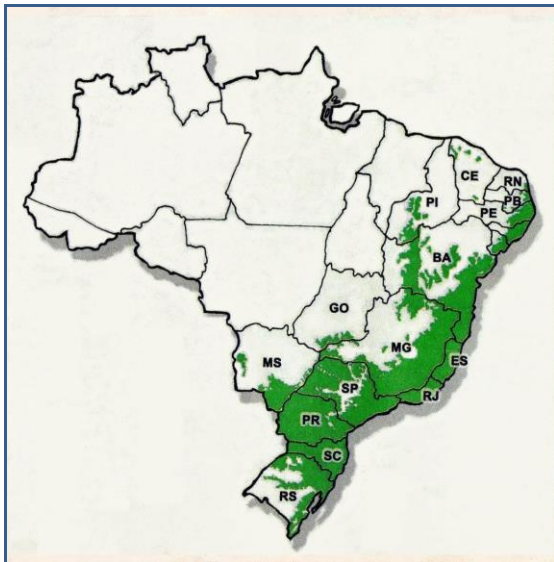
Segundo o meteorologista amador e caçador de frio Artur Chiovitti, *o Vale do Campo Belo* é o lugar mais frio do Brasil, com o recorde não oficial de temperatura mais baixa do Brasil registrado por estação automática: -13,3°C em 21 de agosto de 2016.

O clima seco ocorre principalmente em Arraial do Cabo e alguns municípios das Regiões Norte Fluminense e Noroeste Fluminense, como Campos, Bom Jesus do Itabapoana, São João da Barra e São Francisco de Itabapoana.

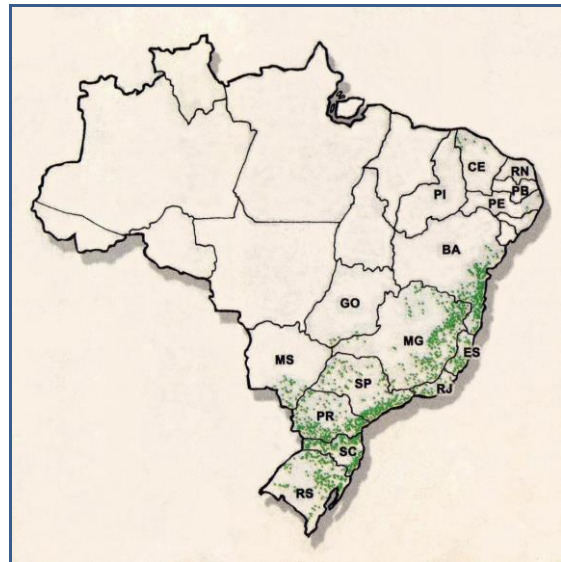
Nas baixadas litorâneas, a famosa Região dos Lagos, o clima é tropical marítimo, com verões moderadamente quentes, mas amenizados devido ao vento do mar e invernos amenos. Também é devido ao vento frio trazido pela corrente das Malvinas (corrente de águas frias do sul do continente) vindo do mar que esta região é uma das mais secas do Sudeste, com precipitação anual de apenas cerca de 750mm em cidades como Arraial do Cabo, Cabo Frio e Armação dos Búzios, e não passando de cerca de 1100 mm nas cidades mais chuvosas da região, Maricá e Saquarema.

VEGETAÇÃO

Sobre as áreas de planalto e topos, está uma vegetação belíssima, mas que infelizmente, ao longo dos mais de quinhentos anos de ocupação, muito dela já foi desmatada. Estamos falando da nossa querida e importantíssima Mata Atlântica. Atualmente, as florestas ocupam um décimo do território fluminense, concentrando-se principalmente nas partes mais altas das serras. Há grandes extensões de campos produzidos pela destruição, próprios para a pecuária.



EM 1500



HOJE

Ao longo dos mais de quinhentos anos de ocupação, muito dela já foi desmatada.

Além dessa bela vegetação, encontramos no litoral outros tipos de cobertura vegetal, como os manguezais (que crescem em terrenos lamacentos). O manguezal é um ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestre e marinho, zona úmida característica de regiões tropicais e subtropicais. Além dos manguezais, no estado também são encontradas a vegetação existente nas praias, restingas e dunas.

E o nosso imenso litoral? Nossas praias são belíssimas, e conhecidas no mundo inteiro. E olha que, apesar de o estado do Rio de Janeiro ser pequeno em extensão, nosso litoral é o terceiro maior do país. Isso mesmo! É praia que não acaba mais, são 636 quilômetros de litoral, que se estendem desde a foz do Rio Itabapoana (limite com o Espírito Santo) até a Ponta da Trindade (limite com São Paulo).

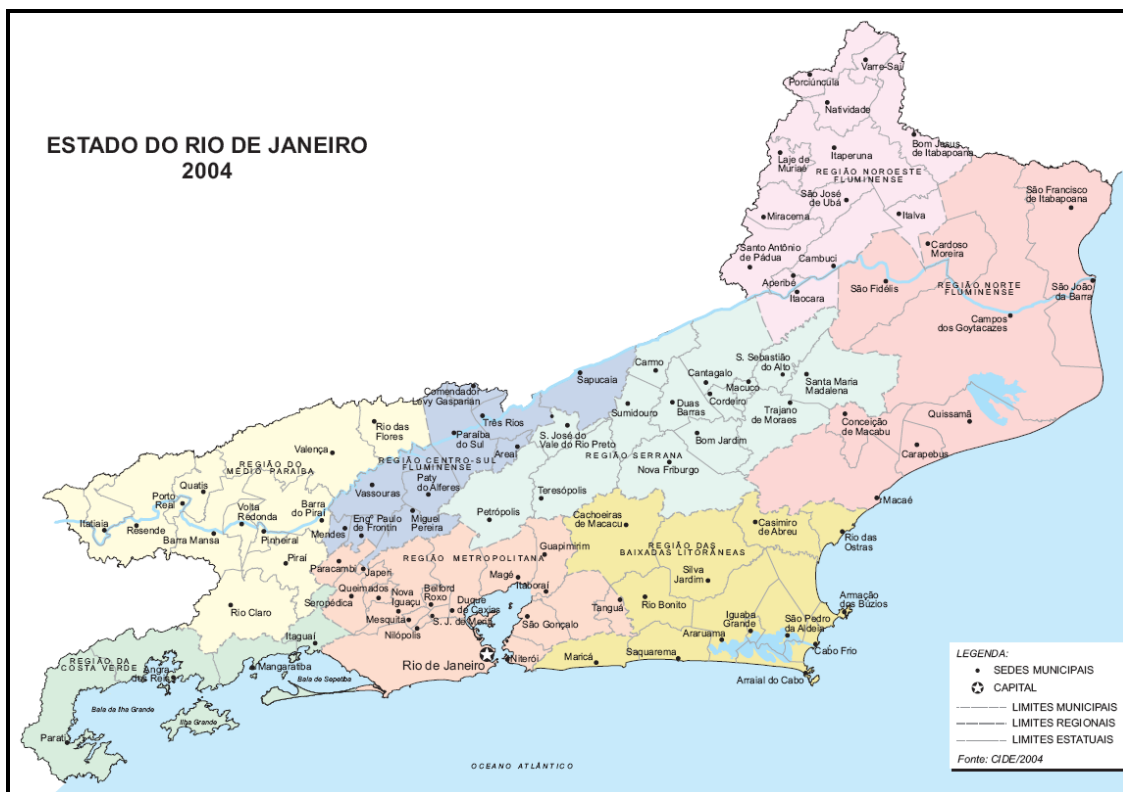
POPULAÇÃO

Agora vamos conhecer o tamanho da nossa população? No estado do Rio de Janeiro, vivem aproximadamente 17.159.960 habitantes (2018), segundo o IBGE. Nosso estado é o terceiro mais populoso, atrás apenas dos estados de São Paulo (45.538.936 hab.) e Minas Gerais (21.040.662 hab.). É o estado mais urbanizado do país, com cerca de 97,3% de seus habitantes vivendo nas cidades (Síntese de Indicadores Sociais 2015-IBGE). Nossa população está concentrada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que é a mais populosa e a mais povoada, com aproximadamente 12.330.186 milhões de habitantes (2016), o que corresponde a cerca de 75% da população vivendo nessa região. A cidade mais populosa do estado é a cidade do Rio de Janeiro, que possui uma população de 6.688.927 habitantes (2018).

IDENTIFICANDO AS PARTICULARIDADES REGIONAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro está dividido em 92 municípios, agrupados em oito regiões de governo. São elas: Metropolitana, Noroeste Fluminense, Norte Fluminense, Baixadas Litorâneas, Serrana, Centro-Sul Fluminense, Médio Paraíba e Costa Verde.

Estas regiões foram estabelecidas para orientar as ações de governo, cujo objetivo era o de desenvolver os municípios e melhorar as condições de vida de seus habitantes.



REGIÃO METROPOLITANA

Compõem essa região os seguintes municípios:

Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica, Tanguá, Itaguaí, Rio Bonito e Cachoeiras de Macacu.

A Região Metropolitana concentra capital, infraestrutura e força de trabalho. Nessa região concentram-se a maior parte das indústrias do Estado, formando um parque industrial bastante diversificado, assim como serviços especializados dos seguintes setores: financeiro, comercial, educacional e de saúde, assim como órgãos e instituições públicas, entre outros.

Essa região é marcada por grandes contradições, pois, o crescimento econômico não proporciona melhoria da qualidade de vida para a maioria da população. Podemos identificar essas questões através de alguns problemas presentes e frequentes dessa região: desigualdades na distribuição da infraestrutura urbana, falta de habitações dignas em contraponto ao aumento

da quantidade de submoradias e favelas, o aumento da poluição ambiental, da violência, e do caos nos sistemas de transportes.

De acordo com Andrade (2010), “as atividades produtivas fluminenses são bastante concentradas espacialmente no território estadual. Quase 70 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) estadual, segundo as estimativas feitas pelo IBGE para o ano de 2008, são gerados na região metropolitana do Rio de Janeiro, sendo que o município do Rio de Janeiro é responsável pela geração de aproximadamente 45% do PIB estadual. Cerca de $\frac{3}{4}$ da produção são gerados pelos oito mais produtivos municípios do estado dentre os noventa e dois existentes: Rio de Janeiro (45,1%), Duque de Caxias (9,4%), Campos dos Goytacazes (8,5%), Niterói (2,7%), São Gonçalo (2,4%), Nova Iguaçu (2,4%), Volta Redonda (2,3%) e Macaé (2,3%). Trata-se, portanto, de economia bastante concentrada espacialmente em termos produtivos”.

REGIÃO NOROESTE FLUMINENSE

É a região mais pobre do estado, participa apenas com 1% do PIB do estado. Essa região foi marcada pela cultura cafeeira, que foi responsável pela consolidação da ocupação desta porção do nosso território. Mas o café não durou para sempre e com o seu declínio, outras atividades surgiram para substituí-lo. Hoje em dia a agropecuária é a principal atividade econômica (pecuária leiteira), mesmo assim, tanto a economia quanto a população da região nunca mais foram tão importantes quanto na época do café.

Até hoje, a agropecuária caracteriza-se por uma estrutura fundiária ultrapassada, onde as terras são mal utilizadas, com muitos latifúndios, o que tem causado êxodo rural, diminuindo ainda mais o número de população residente e como consequência, tanto o emprego quanto a renda da região.

Os municípios mais importantes são Itaperuna, Santo Antônio de Pádua e Bom Jesus do Itabapoana.

REGIÃO NORTE FLUMINENSE

Nessa região, o setor mais importante é a agroindústria açucareira. Porém, nas últimas décadas, o petróleo e o gás natural passaram a exercer um papel essencial na economia regional, colocando-a como uma das principais regiões do Estado. Após a fase da extração e produção do petróleo e do gás natural, a região passou a receber os royalties oriundos do petróleo. É da bacia de Campos que vem toda essa riqueza que tem tornado a economia da região tão próspera.

Os municípios que se destacam na Região Norte Fluminense são: Campos dos Goytacazes e Macaé.

REGIÃO SERRANA

A região Serrana pode ser classificada em duas partes distintas. A primeira, que engloba os municípios de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo, caracteriza-se pela presença do turismo, da indústria e hortifrutigranjeiros.

Os principais municípios são Nova Friburgo e Petrópolis. Nova Friburgo desempenha as funções industriais, de comércio e de prestação de serviços, exercendo influência sobre quase todos os municípios da Região Serrana. Já Petrópolis desempenha o papel de polo, em função do seu setor industrial, principalmente o setor têxtil, em franco crescimento. Os demais municípios da região apresentam um fraco desempenho econômico.

Teresópolis possui uma população estimada de 180.886 hab. (2018) e sua densidade demográfica é de 212,49 hab./km².

O setor terciário (serviços) atualmente é a maior fonte geradora do PIB de Teresópolis.

A indústria é o segundo setor mais importante para a economia do município, com destaque para o setor de bebidas, a Arbor Brasil e a Cervejaria Sankt Gallen, que resgatou a histórica Cerveja Therezópolis.

Em terceiro lugar vem o setor primário, a agricultura. O município faz parte do cinturão verde do Rio de Janeiro, região responsável pela produção da maior parte dos hortigranjeiros consumidos no estado.

Com uma produção de 174.408,50 toneladas anualmente (2017), faturando por ano cerca de R\$ 197,1 milhões.

Os principais produtos cultivados no município são: alface (102.900 toneladas), couve (17.900 toneladas) e tangerina poncã (8.700 toneladas). Produção baseada na agricultura familiar.

Fonte: EMATER-RIO

REGIÃO DAS BAIXADAS LITORÂNEAS

A região das Baixadas Litorâneas está relacionada à exploração do sal, à pesca, à criação de gado, ao turismo e ao lazer. A consequência disso é a atração populacional, degradação ambiental generalizada, principalmente nas lagoas, crescimento de moradias em áreas de proteção ambiental.

O principal município da região é Cabo Frio, devido à diversificação das atividades comerciais e do setor de serviços. Cachoeiras de Macacu, Casimiro de Abreu e Rio das Ostras já são influenciados por Macaé, município que tem por base o setor petrolífero.

REGIÃO DO MÉDIO PARAÍBA

Após a região Metropolitana, a região do Médio Paraíba é a mais industrializada do Estado do Rio de Janeiro, com destaque para os municípios de Volta Redonda, Barra Mansa e Resende, que exercem influência direta sobre grande parte da região. Esses municípios foram beneficiados com a implantação da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e de rodovias federais e estaduais, que permitem a ligação com outros municípios do Rio de Janeiro e também com São Paulo e Minas Gerais.

A atividade industrial é bastante intensa, com a presença de empresas como a CSN (Volta Redonda), a Volkswagen (Resende), a PSA Peugeot Citroën (Porto Real), Michelin, Hyundai Heavy Industries e a Jaguar Land Rover em Itatiaia, entre outras.

O crescimento industrial da região tem gerado uma série de problemas, como a queda da qualidade de vida da população, o aumento da poluição do ar e do principal rio do nosso estado, o Rio Paraíba do Sul.

REGIÃO CENTRO-SUL FLUMINENSE

Essa região caracteriza-se por possuir heranças na sua paisagem, provenientes do apogeu do café, como antigas fazendas, que hoje foram transformadas em hotéis-fazenda e sítios, fazendo do turismo uma das bases da sua economia.

O principal município da região é Três Rios, juntamente com Paty do Alferes e Miguel Pereira, que se destacam, respectivamente, pelas atividades de produção do tomate e ecoturismo.

REGIÃO DA COSTA VERDE

A região da Costa Verde é formada pelos municípios de Parati, Angra dos Reis e Mangaratiba e Itaguaí. Essa região é reconhecida pelas suas belezas naturais, principalmente das suas baías e praias, que favorecem o desenvolvimento do turismo.

Após a implantação da indústria de construção naval e da implantação da Rodovia Rio-Santos, muitas modificações ocorreram, tanto ambientais como sociais e econômicas. A presença das usinas nucleares Angra I, II e III (essa última em construção), passaram a ser motivo de preocupação, principalmente após o acidente ocorrido em Fukushima, Japão, em 2013.